

PRODUTIVISMO ACADÊMICO E QUALIDADE DA PESQUISA

A ética, o rigor e a relevância da investigação, a publicação dos resultados, as avaliações dos produtos e dos processos de formação para a pesquisa são importantes elementos que circundam as nossas trajetórias.

No número 151 de *Cadernos de Pesquisa*, publicamos artigo sobre essas temáticas, além da tradução das diretrizes para editores e para autores do Comitê para a Ética nas Publicações (COPE – Committee on Publication Ethics). A revista considerou importante integrar e promover esse debate. Neste número, estão reunidos textos que provêm do desenvolvimento das apresentações feitas no seminário *Produtivismo Acadêmico e Qualidade da Pesquisa*, realizado na Fundação Carlos Chagas, em março de 2015, mais artigo de Murilo Mariano Vilaça e Alexandre Palma.

Para instigar a reflexão sobre os problemas tratados no conjunto dos artigos que compõem esta seção, recorre-se a um exemplo pinçado das evidências de outrora. Nas 23 páginas iniciais da segunda edição do livro do médico Arthur Moncorvo Filho, *Historico da protecção á infancia no Brasil (1500-1922)*, publicada em 1927,¹ arrolam-se 347 “trabalhos originaes” do autor, ano a ano, de 1892 a 1926. Os títulos referem-se a produções variadas, envolvendo discursos proferidos, comunicações em congressos, artigos em periódicos e livros. A informação mais visível, na listagem de Moncorvo, é o total de produtos e a sua frequência anual. Após os títulos, aparecem as referências ao produto e à sua qualificação: a entidade, o congresso, o jornal, a revista científica, ou o livro e sua quantidade de páginas. O exame das produções também permite constatar que a originalidade anunciada tem seus limites, pois os conteúdos

1
MONCORVO FILHO, Arthur.
Historico da protecção á infancia no Brasil: 1500-1922. 2. ed. Rio de Janeiro: Paulo, Pongetti & Cia., 1927. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/MoncorvoFilho/Rolo9/21_Moncorvo_Filho_Arthur_Historico_da_protecao_a_infancia.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2008.

dos discursos por vezes são os mesmos, bem como as comunicações em congressos e artigos que se assemelham, voltados a públicos distintos ou indicando um conhecimento em processo, que retoma escritos anteriores para avançar. É possível constatar que, naquele período, essa prática era habitual entre os autores vinculados à pesquisa científica, à atuação política e social, como chancela de competência aos leitores.

No final do século XIX e início do século XX, a produção e a difusão de conhecimentos específicos envolveram a articulação política dos setores intelectuais, com práticas de teatralização, em que se representavam como autoridades aptas a obter reconhecimento e ocupar postos nos organismos do Estado, no executivo, legislativo ou judiciário, nas instituições e nas entidades da sociedade civil.²

Hoje, na era da comunicação digital, as estratégias de visibilidade aproximam ainda mais e confundem prestidigitação e prestígio. Os artigos de Antônio Zuin e Lucídio Bianchetti e de Elizabeth Macedo tensionam o debate em torno das *performances* na academia, da produção científica relevante e sua qualificação.

Antonio Joaquim Severino ocupa-se das questões da ética na pesquisa, especialmente nas ciências humanas. Trazer essa discussão ao campo do debate sobre o produtivismo acadêmico permite a articulação de duas dimensões que têm sido tratadas, muitas vezes, de forma isolada: de um lado, os pressupostos éticos nas atividades de investigação, com a necessidade da diferenciação entre áreas de conhecimento, a fim de não subsumi-las em conjunto a critérios oriundos das pesquisas vinculadas à medicina e à saúde; de outro lado, as diretrizes éticas relacionadas às boas práticas científicas, envolvendo o respeito à produção própria e à de outrem e os cuidados com a divulgação dos resultados.

Murilo Mariano Vilaça e Alexandre Palma vêm de encontro ao artigo publicado no número 151 de *Cadernos de Pesquisa*, provocados pelo uso do termo falácia, trazendo contribuições oriundas dos estudos filosóficos acerca dos usos argumentativo, retórico, locucionário e perlocucionário da linguagem. Em relação ao debate sobre o produtivismo acadêmico, o artigo indica como necessário: mudanças no modelo de avaliação; a formação em ética científica nos diferentes níveis educacionais; e o tratamento diferenciado das más condutas, conforme o grau de formação, a experiência, a gravidade ou a reincidência das práticas. Cabe explicitar que a escolha da expressão falácia, no artigo por mim publicado, foi feita em sua acepção mais branda, indicando argumentos que podem induzir a erro, os quais foram problematizados sem tratá-los como silogismos capciosos, formulados por má fé.

O artigo de Marcos Villela Pereira e Magda Floriana Damiani volta-se aos problemas em torno da avaliação de trabalhos científicos, enviados para eventos, agências e periódicos, ou em bancas nos programas de pós-graduação. Consideram que a formação de pesquisadores deveria

2
KUHLMANN JR., Moysés.
As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922). Bragança Paulista: Edusf, 2001.

investir mais amplamente na instrumentalização de seus egressos, promovendo discussões amplas e regulares sobre metodologia e critérios de qualidade dos trabalhos científicos, a fim de identificar a sua coerência e a consistência. Em defesa da pluralidade de ideias, ponderam a perspectiva de se reconhecer a relatividade das posições que defendemos, sem por isso cair no relativismo, constituindo o outro não como o antagonico, mas assumindo os nossos posicionamentos, transparecendo os critérios de modo a estabelecer a negociação e o debate.

O artigo de minha autoria prossegue na problematização das proposições que inculcam o produtivismo acadêmico, isoladamente, ocupando-se de questões de definição e de determinação, de aspectos históricos e atuais relacionados à publicação em periódicos, assim como quanto à qualidade da pesquisa educacional na pós-graduação.

O debate está longe de se esgotar e nossa revista continua aberta a receber contribuições em torno dele.

MOYSÉS KUHLMANN JR.

Pesquisador da Fundação Carlos Chagas – FCC –, São Paulo, São Paulo, Brasil;
professor da Universidade Católica de Santos – Unisantos –, Santos, São Paulo, Brasil
mkj@fcc.org.br